



Arquivo

"Dificuldades são grandes"

## As ilusões não

163

são oportunas,

afirma Mindlin

"Nossa massa de manobra para o próximo ano é bastante restrita. Por isso, todos devemos fazer o maior esforço para aumentar as exportações, mas sem ilusões porque as dificuldades são grandes", afirmou o diretor do Departamento de Comércio Exterior da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, José Mindlin, para quem o equilíbrio da balança comercial brasileira, em 1981, foi obtido às custas de uma redução das importações que gerou recessão. Mas, se por um lado, o empresário acha que não haveria outra maneira de o governo contornar a crise econômica, por outro, considera altamente negativo o seu papel na área de promoção de exportação. "O governo deveria continuar com as promoções, mas faz o contrário, restringe as verbas do Itamarati para essa finalidade."

Este ano, segundo Mindlin, a recessão foi maior do que o governo esperava e seus efeitos não foram localizados, pois atingiram, também, a classe média. Ele afirma, contudo, que se as medidas restritivas não fossem tomadas, seguramente, a inflação estaria acima dos 95% que previra para 1981. "Perdemos cinco anos de uma crise visível que poderia ser paulatinamente contornada. Em 1980, o caminho foi pouco feliz, principalmente com prefixação da correção monetária, e tudo isso tinha de ser corrigido. Em 1981, não havia outro jeito, não adiantava chorar o passado", prosseguiu.

Apesar da diminuição do ritmo de atividade geral, Mindlin lembra que alguns setores não sofreram tanto impacto, como o de calçados, confecção e construção civil. Como principal executivo da Metal Leve, porém, destaca que o setor de autopeças foi um dos mais penalizados pela crise da indústria automobilística. Mesmo nesse caso, salienta que as posições variaram: "Quem fornecia para as montadoras sofreu muito; quem fornecia também para o mercado de reposição sofreu menos e aqueles que ainda exportaram tiveram o impacto amenizado".

De um modo geral, na opinião de Mindlin, o ano de 81 favoreceu somente os banqueiros, e os empresários e operários dividiram sacrifícios. Para o próximo ano, ele prevê menos impactos negativos e o fim da tendência declinante: "Devemos estabilizar nesse patamar mais baixo. Não imaginamos crescimento no mercado interno, mas também não esperamos queda", salienta, ao considerar compreensíveis as previsões otimistas do governo, mas somente do ponto de vista psicológico. Nesse sentido, acha válida a intenção do governo de criar mais empregos, mas não vê como.

Com a estabilidade do preço do petróleo, a baixa dos juros externos e queda da inflação, Mindlin acha que o quadro para 82 é mais favorável: inflação por volta de 85% e juros internos de 120%, contra 140% este ano. "Isso, porém, está ligado à recessão americana, ou seja, se a economia reagir, aumentam a demanda de dinheiro e os juros".

Da crise, porém, Mindlin acha que foi possível tirar alguma vantagem, principalmente a eliminação dos desperdícios. Agora, em sua opinião, é preciso fazer um esforço no mercado interno. Primeiro, o governo deve continuar estimulando os bens de consumo de massa, sem restringir os bens duráveis, para diminuir as desigualdades. Por outro lado, o empresário deve partir para um perfil diferente em termos de conceito de obsolescência programada.

"A indústria produz para durar pouco e vender de novo, em vez de melhorar a durabilidade e ampliar o mercado, baixando custo com esforço de racionalização", prosseguiu.

O mais importante hoje, segundo Mindlin, é aumentar os investimentos, o que depende de capitalização das empresas. Por isso, volta a defender sua idéia de criar um fundo para gerar o PIS/Pasep com administração tripartite. "Toda preocupação do governo tem sido criar condições de financiamento, mas, no fundo, isso é uma ilusão, porque a empresa não se fortalece. A própria finalidade do PIS também fica frustrada, sem a participação no crescimento, das empresas. Esse programa levaria dez anos para efetivar-se, mas em um ano poderia pegar 10% da disponibilidade do PIS para aplicar em empresas viáveis e os resultados já seriam sentidos. A aplicação seria descentralizada e os bancos de investimento ajudariam a agilizar o processo. Parece sonho, mas a realidade de hoje era sonho de ontem", concluiu. (Fátima Turci)